



“Ora, entre as pessoas que faziam comigo a travessia, quando a Aninhas do Jeremias me levava pela mão ao colégio, nunca mais esquecerei o capitão Bernardes, um do Carvalho que chegou a almirante, o tio Bento, o irascível capitão Sena, de quem se contava com terror que fora apanhado no mar alto por uma trovoada — as faíscas como chuva — levando os porões carregados de pólvora, o alegre capitão Serrabulho, casado com uma mulher fantasmática: homem prodigioso, com uma grande barriga sacudida de risadas: — Acaba-se aqui o mundo com uma ceia de peixe! — e que fez andar num corrupio até à morte a Foz do Douro e a Baía, e entre todos eles, principalmente, o capitão Celestino, que tendo começado a vida como pirata a acabou como um santo, cultivando com esmero um quintal de que ainda hoje me não lembro sem inveja. Falava pouco. Sorria sempre numa satisfação interior, completa, perfeita, com uma cara de páscoas rosada e inocente, enquadrada pela barba de passa-piolho toda branca. A sua vida anterior fora misteriosa e feroz. De uma vez com sacos de cal despejados no porão sufocara uma revolta de pretos, que ia buscar à costa de África para vender no Brasil. Outras coisas piores se diziam do capitão Celestino... Mas o que eu sei com exactidão a seu respeito é que para alporques de cravos não havia outro no mundo. Todo o dia um fio de água escorrendo por condutos invisíveis de que só ele sabia o segredo, caía pingue-que-pingue nos alegretes caiados de branco; todo o dia o velho corsário, com mãos delicadas de mulher, tratava embevecido as flores cultivadas como filhas. E acabou assim a vida mondando e podando, sem uma dúvida na consciência tranquila...”

Raul Brandão, *Os pescadores*

A visão das plantas

Autora

Créditos

Noite abençoada. Acordou em casa, restaurado, após uma vida cheia. Mas a casa tinha mudado. Com as portadas trancadas, a mobília coberta com lençóis, a toalha manchada de vinho sobre a mesa, a arca da roupa fechada a um canto, os reposteiros de veludo negro, esgarçados pela traça, tudo era outro e, ainda, o mesmo. Na penumbra, o volume dos móveis insinuava fantasmas. O pó, tornado um ser, animava o espaço, iluminado pela claridade através das frestas das janelas. A penumbra quase falava: *respira, filho, chegaste*. Um vestígio de alfazema seca perfumava o mofo. Ou seria cera? Os ouvidos sempre tinham sido melhores do que o nariz. Nenhum ruído, salvo os passos, o tactear do corredor. A lareira negra na qual restara o abafador de cobre, a panela de ferro na cinza pisada: gente muda. A mobília não saudou o seu regresso. Não tinha mais ninguém na vida. Sobrava-lhe a casa de jantar, a pequena saleta, os dois quartitos húmidos, a cozinha de tecto escuro aberta para a despensa, os frascos, caixas de farinha de milho bichada, garrafas de aguardente e o quintal, tomado pelas silvas, as urtigas e os cardos.

Vista de fora, a casa convidava a imaginação a dançar. Nos passeios de choupos que a ladeavam, a fachada caiada há anos espiava a rua com discrição. Coberta de hera, como de barbas, confundia-se com o quintal que, apesar do abandono, teimava em apontar na direcção do Sol e namorava os muros. A humidade das plantas havia dado conta da areia das fundações, enchendo os tectos de bolor, comendo os rodapés, expondo as empenas dos telhados. Era a fome da Natureza que a comia aos poucos e o capitão, diante do seu fóssil, uma partícula dessa fome, que se estendia à rua e sublinhava a dimensão de sonho da arquitectura. Os telhados e os beirais haviam sido transformados pelo destino dos seus habitantes à medida que estes tinham

partido e morrido. O mar, chegado da praia, mudara a casa, secando as vigas, nas quais agora, como na casca de um barco, o caruncho rejubilava, assim que a temperatura subia. Tornara-se aos poucos em coisa e fora perdendo o que a vontade humana nela tinha imprimido. Fora lambida pelo vento, como a costa, o areal e as florestas. A maresia havia curtido a sua pele e a dos seus donos. Não era mais uma pessoa, à imagem de quem a construía, mas um volume de pedra, cal e madeira.

As sebes escondiam a porta e os olhos fechados que eram as janelas.

Abriu as portadas e o ar entrou nela como um esconjuro. Os lençóis sobre os móveis esvoaçaram e o capitão teve medo de que a alma da casa saísse pela janela e se perdesse na rua. Fechou-as de novo e, em silêncio, respirou o pó.

Os mortos da casa deram-lhe licença para despertar. Da rua, entrava o perfume dos cardos ao Sol, pressentia a seiva chegando à flor, leitosa e adstringente. O cheiro a terra aliviava o cotão. Uma lareira acesa na colina, madeira seca cerzida com ovos de aranha, ferrugem embebida em água, bolor, bedum, goma de laca. As notas iam e vinham ao sabor da brisa da porta entreaberta enquanto, de olhos fechados, o capitão espantava a sonolência. Que havia de fazer aos seus dias, agora que estava perto do fim? A casa materna não viajara, embora as suas paredes estivessem tismadas, como a pele do capitão. Não havia matado ninguém, apesar de ostentar cicatrizes, de conter dores mudas. Contava só com as tatuagens do tempo, com os ninhos das andorinhas, que tinham borrado os beirais dos telhados como se borra uma alma.

Os ovos de joaninha que agora eclodiam nos parapeitos das janelas, chocados pelo calor nos vidros foscos, nada lembravam das larvas dentro de olhos, das viagens. A casa e o herdeiro estavam velhos. Não sendo gente, era a companhia que ele não tratara de merecer, um jazigo para o seu coração.

Livrou-se da mobília carunchosa. Um mês depois da sua chegada, só sobravam duas cadeiras, o camiseiro, os quadros dos antepassados e a mesa, perto da lareira, à qual fazia as refeições e escrevinhava. As suas botas faziam ranger o soalho ressequido. Não o inquietava ouvir os próprios passos. A solidão era música para os seus ouvidos.

Obstinado, abriu as arcas da roupa das mulheres. Cavou uma vala e deitou nela os vestidos, as combinações, as toalhas, os lençóis, as colchas, as mantas, os travesseiros, os cueiros, as meias, os aventais, as luvas, os xailes e as toucas. Ateou-lhes fogo. Não houve nisso dramatismo algum. Viu crepitarem nas chamas as rendas de bilros derretidas e as bainhas e galões dos tecidos encardidos. Ardendo, a história dos labores diluía-se na cacimba. Os bordados acendiam o silvado e soltavam faíscas, num adeus para sempre sem direito a palmas.

Nem deitar-se todas as noites no colchão de palha fino da cama de ferro branco na qual a sua mãe havia morrido sem notícias suas, nem a saudade dela, que não sentia, o tinham perturbado, nem sequer nos primeiros meses. Não se deixava levar pelo chamariz do céu estrelado sobre a casa quando saía para fumar antes de regressar aos seus aposentos. As conversas na proa eram agora uma troca de assobios com os grilos e o ritmo do bicar de um cuco no tronco do pinheiro. Contava com a monotonia saborosa dos seus hábitos de capitão velho, retornado à casa de família desagravado para morrer em descanso.

Era preciso tão pouco, companhia nenhuma. Descobriu a razão dos seus dias no quintal virado do avesso, abandonado pelo caseiro, também ele morto. Se ia a caminho de cegar, antes morrer consolado entre as plantas, rodeado de tons e aromas.

Recuperou a enxada e o ancinho da casinha dos arrumos. As

ervas daninhas, como é próprio das plantas, tinham invadido o terreno. Nem mesmo os jarros que, como uma armada pernalta, despontavam, sadios, entre as atabuas penduradas no feijão-verde nascido ao acaso — num encavalgamento aleatório dos encantos da Primavera com as sobras do Outono e os despojos do Verão — e o bambu espreitando entre as pernadas do azevinho, cuja folhagem geométrica, emaranhada na hera, estrangulava o vetusto carvalho de tronco enquistado, nem os seus elmos brancos e estiletos interrogativos escondiam que, suplicando por ordem, a missão do jardim desgovernado era penetrar nas frinchas das portas, apodrecer a água do poço com fungos venenosos, apoderar-se da mobília, entrar nas gavetas, alastrar os ramos até aos olhos dos quadros dos velhos e levar a memória do que fora a vida humana que um dia ali tinha habitado.

As plantas confusas não o levavam do quintal a mar alto. Tinha os pés assentes no mesmo agora que o havia mantido vivo nessas paragens. Não tinha a força de outrora, mas sobrava-lhe tanto tempo nas mãos calejadas. Saía para a monda pelas seis da manhã, quando o Sol nascia, depois de uma xícara de chá bem escuro. Mondava até serem onze. Passava pelas brasas. Comia um naco de pão com uma rodela de chouriça. Quando não dormia de novo ou não ia até à vila, ou ao porto para o primeiro vento da tarde, mondava a tarde inteira, amontoando os cardos, as silvas, as folhas secas, arrancando da terra às mãos-cheias as raízes das pragas infatigáveis. Tirava água do poço. Embebia o solo arenoso, revolvia-o com as mãos, dava-lhe água e tempo.

Mondava o seu caminho até à morte para se distrair de que as correntes, os céus, as plantas nos engolem a cada dia. Entranhas, sangue, cuspo, lágrimas, o primeiro choro, o último soluço, nada lhe era estranho. Ajardinar os mares adiava o avanço que o queria tragar como os tubarões nos engolem. Queimara cabanas, cortara cabeças, espalhara a notícia. E o mundo, nada. As coisas, coisa nenhuma. As palmas das palmeiras rebentavam dos troncos, os cedros guardavam os ninhos dos beija-flores, os

morcegos nas suas voltas e voltas caíam, diante dele, como testamentos queimados. Alma nenhuma podia interromper o curso das águas, estancar a corrente.

Mas algumas vieram para destruir. Temia enlouquecer do correr das horas, da cadência das ondas, a ampulheta no fundo de tudo era o seu antagonismo. As folhas novas a seguir às folhas secas, o fio novo na teia de aranha por onde passámos ontem, as gotas de chuva que agora cobrem as espigas dos pinheiros, mas amanhã já secaram, provas de que Deus não dorme. Queria parar o relógio porque participava nele, daí saber do segredo: que a Natureza conspira para nos adormecer, que no fim do mundo não há gente, só troncos doentes pelo chão, as mãos dos peixes, um caldo de nenúfares e baratas, ervas, esqueletos de ratos, fungos, cobras que comem espinhas, um caudal de domingos.

A mesmidão ao leme colava-se aos músculos até os olhos serem anulados pelo sonho. Era quando Celestino deixava de ser gente. O seu perfil esbatia-se nas gotículas soltadas pela espuma, a barba levada pelo vento, a pele polida como o interior de uma lapa. O espírito do mar atordoava-o, drogado do iodo e da ventania. O mar envernizara-o como ele às carrancas do navio. As ondas empinando a proa vergavam-no à degradação. Tudo o mesmo a todas as horas. O Sol, a Lua, o vento nas velas, que o danava, os dias desdobrados uns nos outros, caras, trapos, rapé, dedos.

O Atlântico queria picar os miolos do capitão. Celestino queria parar o relógio. O porão que importava estava na sua cabeça, o craveiro e os cravos sentados nele, o seu halo de calor nauseabundo. Trazia o crânio pejado deles, uns sobre os outros. Até as estrelas sobre as águas o desafiavam na sua pontualidade. Deus traz os resistentes à solta, prontos a rasteirar os felizes, no fundo do beco, para se desferrar do tédio. Apesar das cambalhotas, a sua fona alegre até à morte é enfadonha. Talvez não tenha mão na sua tropa de jardineiros. Do alto, assiste ao seu número, sentado ao lado do diabo. Vão como formigas perdidas do formigueiro, de ancinhos na mão, empurrados pela fome, pela sede, pela luxúria, espumando da boca.

*image
not
available*

contou, aflita, ao padre Alfredo, “até lhe ergueu um altar no quintal. À noite, pinta a cara de sangue e anda de capa a falar na língua dos pretos.” O padre sossegou-a, “reze cinco ave-marias e acenda uma vela”. Mas o mal estava feito.

Na lota, na feira, à entrada dos cafés, no passeio, o espantalho de veludo tornou-se padroeiro da intriga. *Fala com os espíritos e matou mais de um milhar de pretos. De noite, dança com o diabo.*

Espreitando entre as sebes, as três crianças encavalitaram-se para espreitarem a casa do demo. Do capitão, nem sinal. O quintal florido estava calmo. Se ali vivia o diabo, era bom jardineiro. Com as botas nas mãos dadas de Raul, Pedro galgou o muro, com esforço. “Consegues vê-lo? E *como é?*”, perguntou Luzia, impaciente. Mas, em cima do muro, deixado por um diabrete adivinho, só viu um pires com três cubos de marmelada e três fatias de queijo curado.

As marés pareciam ao capitão mais certas do que a vida em terra, menos permeáveis à passagem do tempo e à decrepitude que transformara as casas do burgo da sua infância, cujas frontarias lhe pareciam agora mais estreitas, enviesadas, abauladas, manchadas. Nem o nevoeiro lhe chegava auspicioso, ao passear pelo cais, mas chão que deu uvas. Para fugir à náusea, entrou na igreja e sentou-se no banco a admirar o altar.

Padre Alfredo conhecia os passos das suas botas e também se intimidava. Celestino não tinha joelhos para se ajoelhar, muito menos vontade de o fazer. Gostava de se sentar como se alguma coisa o acalmasse e prendesse.

O cónego espreitou-o da sacristia, o olhar no vazio, as mãos duras, dadas sobre os joelhos. “Talvez se queira confessar.” “Diz que cortou a língua a seis meninos, contou-me a minha tia Aurora. Parece que bebe sangue e vendeu a alma ao diabo, a mãe também não era boa”, bichanou o sacristão. Circunspecto como entrara, o capitão saiu.

E todas as conversas se calavam quando, passando por eles, levantava o chapéu às senhoras com uma insolência amistosa.

“Capitão Celestino, regressou há muito?”, perguntou-lhe o

*image
not
available*

as grainhas das amoras dos dentes, chorando por mais, chupando os dedos, mais morte, mais sangue, anestesiados pelo doce-amargo da cantilena suspirada pelo capitão à manivela.

“Vale a vida inteira ver o jardim espreguiçar-se. O Sol espreita, vou sem sono nenhum dar-lhes os bons-dias, coo o café, canto-lhes uma oração da manhã, dizemos bom dia todos juntos e deito-me a elas, de joelhos, aparo as que morreram durante a noite, que algumas vão-se no escuro, nem dou por elas, quase me apetece um dedal para tocar-lhes, que a sua alegria viçosa queima-me os dedos, a minha barba a cheirar ainda a noite, as remelas que me escaparam, flores da minha vida, cravos, teimosos, sempre enfronhados, olhos inchados, os cravos fazem muita ronha, mas não lhes quero mal, antes quero salpicar-lhes água em cima, antes água que cal nas carapinhas de luz, cravos da minha vida, são os que mais profundamente dormem, quase ressonam, mas de noite ninguém tem culpa e o rressonar deles leva-me daqui, quase me adormece, se durmo morro, não durmo nunca, uma gota de água na cabeça de cada um, antes água que cal, que os amansa.

“Não há como o sono do meu craveiro, cheirar o cheiro a fantasia que deitam enquanto sonham. Vejo-as dormir e levantarem-se, todas tão minhas, todas tão caladas, haviam de me querer fugir, que as arrancava logo da terra com esta mão, flores minhas tão minhas, logo o dia sobe e de joelhos me apronto para o cuidado delas a sonhar que dormem de novo, que a noite venha depressa para as ter a dormir. Tiro as pétalas velhas fora, que tudo o que é de mais envenena, salpico-as com estes dedos velhos, caso-as umas com as outras. De noite, guardo-as sentado. De dia, vou até ao passeio, perguntam-me pelos meus cravos. O seu jardim, capitão, o seu craveiro? Queriam-mo levar, bem sei, unhas de presunto, mãos linguarudas do homem da drogaria, se me tocasse nos cravos rachava-o ao meio, mas digo que sim, encho-lhes a boca de pétalas, frases bonitas que os calam até à garganta, sei que ali não me querem, também não os quero, antes quero os meus cravos ao vento, faladores, falam todo o dia uns com os outros, como a bicheza fala metida nos

*image
not
available*

Sangue, luz. Um ratinho. Um rectângulo de buxos com as camélias no centro. Osso de choco — caroço de manga.

Coisas que eu vi no mar.

Sangue e luz esta noite. Ratinhos na algibeira. Caiu um melro debaixo do abeto.

—

Um caixão do tamanho da minha vida. As beatas carpem e eu arroto.

—

Hoje foi só uma ratazana gorda. Diz o barbeiro que amanhã cai uma carga d'água. Nunca mais vi o Manel.

—

Cheguei de Leiria ontem. Cansado como um cavalo. Trouxe uma tulipa. Chorões pelo caminho.

—

Ontem despejei tudo quanto era gaveta. Sonho de menino. Soluços. Sangue e luz esta noite. Terceira vez esta semana.

Os cravos estão vivinhos da silva. A vizinha trouxe bolo inglês encharcado.

*image
not
available*

A aragem brotou da serra e acordou o carvalhal. Antes de tocar as folhas, a sombra das árvores desenhada no escuro, negra sobre negro, coberta de sono, pareceu a Celestino formar um cerco. Mas o vento ascendeu, invisível ainda e logo tomando o vale, como se brotasse da terra. Soprando, troncos acima, as copas tremeram na noite, com cócegas. O seu abanar descansou-o e transmitiu-lhe um fio de nervos.

A cadência do sopro, o seu ir e vir, afastando-se e regressando, assombrava o descanso.

O seu coração acelerou e parou de andar. Os carvalhos, despertados pelo sopro, diziam alguma coisa. O vento chegou primeiro a um ou dois ramos da fileira dos choupos e transmitiu aos outros um frémito fresco.

Lembrava o som das águas na praia. O ritmo era o de uma maré. A sua tomada, um tumulto. O seu recuo, um alívio seguido de um arrepio.

O capitão costumava sentar-se no chão a ver as árvores a balançarem ao vento. “Onde é que ele se meteu?”, pensava a vizinha, que deixava de conseguir vê-lo da janela do quarto. Até que, se se concentrasse, o seu coração encontrava a maré e, coração e folhas, acertavam os passos.

Veio o vento e o coração de Celestino encheu-se de sangue. As folhas arrepiaram-se e o coração deitou o sangue fora.

O presente invadiu-o. Olhou a escuridão. A partir da terra, revelou-se à noite e ao mar como tendo chegado ao seu destino. Se o vento o queria vir buscar, sentia-se pronto para lhe fazer frente. Se fora malvadez plantar a morte, era tarde. Descobrira uma casa e não estava pronto para abrir mão dela.

Esperou que o vento nas folhas respondesse ao seu ultimato. A maré veio e foi, de ouvidos moucos. As folhas agitaram-se no escuro. O tremor subiu dos troncos, apoderando-se das copas e,

*image
not
available*

Ajoelhado diante dos cravos, a realidade das coisas inundava-o com o proveito de estar vivo quando na vila o julgavam morto. As horas passavam e ele passava com elas como se percorresse uma escadaria suspensa entre duas falésias. Esse êxtase limpo tomava-o também quando, após o braço-de-ferro com os olhos do padre, batia com a porta da igreja, saía para a vila e gozava o facto de ter deixado de ser visto, agora que se tinham desinteressado dele.

Caminhava anónimo pelo burgo de outrora. Não havia consolo maior do que o de ser ninguém onde havia sido alguém. Chamar outras às casas a que chamara suas. Rever com olhos velhos lojas, chaminés, barcaças, varinas. Ninguém vinha à porta das lojas para o ver passar. Não era ódio nem indiferença. No cais, as fisionomias anunciavam outro século, que nunca seria seu. Como seriam os sobrolhos, as pestanas do século XX? Quem lhe dera vê-los. Mas assim: como um fantasma que não assustava ninguém e não se interessava por nada, num passeio sem cheiro pelo futuro.

O mar no cais não lhe respondia, os bois puxando as redes, a bonança a saltitar na areia — sardinhas, sarguetas, cavalas, rodovalhos —, as mulheres de canelas gordas, os olhos dos homens do mar tapados com os seus barretes cheios de carestia, a poalha dispersa na cacimba, mas a Celestino o mar nunca trouxera a vida. Crianças chupando rebuçados para a tosse, a macieira sozinha ao lado da igreja, companhia de um medronheiro que chorava sangue laranja — e os pardalitos bêbedos depois do banquete dos frutos peludos pisados no chão.

Olho nas botas e subia a colina chamado pelo vento nos choupos, as mãos nos bolsos como trancas à porta — ninguém o via, dispensado de qualquer saudação, ou contrição, ou levantar de chapéu.

*image
not
available*

Capitão Celestino amava as flores, se é possível amar sem guardar memória. Ou Deus queria fazer dele exemplo de que o amor não precisa da lembrança para amar, ou a bondade do seu quintal não era aquela que foi destinada às coisas naturais, o seu saberem fazer o bem sem saberem o que fazem, a bondade de cabeça oca de uma máquina perfeita, perfeitamente diabólica.

Se quando padre Alfredo saía lá de casa, depois de o avisar do calendário paroquial e de prelecções sobre a caridade que deixavam o capitão a ponto de se enfiar na cama de tédio, distraíndo-o dos condutos invisíveis que levavam a água às roseiras — e que havia que vigiar sem demora, e que jamais o cansavam de tão amigos —, se, quando o via atravessar o portão, a batina a roçar nos ladrilhos, aquele narizinho de perfumista enxerido, pensava agarrar na pistola e atirar-lhe às costas. Se, de quando em quando, levado em pensamentos, vendo os meninos pela rua, sentia ganas de dar uso à navalha, pois ela guardava e os seus dedos guardavam as saudades que o seu coração não tinha, no resto das horas do dia era como se tudo tivesse achado o lugar certo. O sangue, da lascívia e da volúpia, a morte, em todas as suas declinações lúgubres, tudo tinha no quintal o seu duplo, na forma de cada planta, que, com mãos delicadas de mulher, tratava como pessoas.

Se alguém pensasse que cultivava as flores do seu caixão, soubesse que as rosas, os cravos, as surpresas suas de cada dia, cada uma das ameixas que quase lhe sabiam a ananás dos Açores eram no futuro do capitão os números, as caras, as almas de quantos, mortos pelas suas mãos ou delas testemunhas, lhe ofereciam agora o seu silêncio eterno, ali plantados, carecidos da água do seu regador, do alimento do seu poço.

Não tinha saudade como o ribeiro que corre não tem saudade. Não tinha medo como a chuva não tem medo. Sentado à sombra

*image
not
available*

acima dos seus ombros, borboletas azuis esvoaçavam junto do seu nariz arranhado. Dentro do estômago, a Terra fazia-o sentir-se sozinho dentro da sua cabeça, como se tivesse mais que fazer do que adormecê-lo. Celestino também não esperava que ela lhe desse descanso.

Abriu caminho com a faca, em direcção ao interior do interior, lugar onde, no escuro, habitavam morcegos, gorilas e jacarandás que nunca tinham visto um homem. Mas o pirata também já não era gente, apenas uma planta com braços, que por alguma razão evoluía no mato, como uma seta cansada. Sem memória de nada, o medo não tocou Celestino. Andava como quem se quer dissolver em tudo, esperando encontrar o ponto onde a Natureza se cansaria de o ver pedir-lhe que o absorvesse. Cortou mato como se rasgasse um longo lençol. Naqueles caminhos por onde homem nenhum andara, destruindo a tecelagem de Deus com a tesoura que eram as suas pernas, sem bússola ou sentido de orientação que o auxiliasse, não lhe acudiam as agonias daqueles que abandonara à sua mercê, nem o olhar de sua mãe despedindo-se do rapaz que fora. Também não tinha a ideia no futuro, que não zomba de quem tem sede.

Rodeado de pimenteiras, a febre subia-lhe a espinha. Por instantes vinha a si, elevando-se da náusea em que progredia, ouvindo chamados no eco, pressentindo uma presença humana atrás dos troncos dos cajueiros.

Todas as ideias com forma o tinham desabitado, todas as caras conhecidas se despediram da sua memória, deixando-o a sós com o agora, como para testarem a sua ligação às coisas. Se o estômago do mundo não o digerira, podia sentir-se por uma vez parte das coisas. Deus não o empurrou, acompanhando o seu progresso.

*image
not
available*

Depois de terem ganhado confiança, as crianças batiam-lhe à porta para verem os morcegos. Sentava-se na cadeira. Respirava fundo. Era a hora de as mães dos morceguinhos os ensinarem a voar. Os pequenotes rondavam o vazio, entre o grande choupo branco e o pinheiro do outro lado do muro. Voavam em elipses perfeitas, tangentes às sebes, desaparecendo dentro das árvores. As copas estavam estáticas a ponto de ser possível dar conta do tumulto das folhas, quando corria uma brisa, um restolhar gracioso. Num ponto da copa do choupo, as folhas remexiam, mas não se distinguia nada. Vindo da base do tronco, o sopro do vento galgava copa acima como um frio na espinha, comunicando-se aos ramos e às folhas. Alerta, o coração dos meninos acelerava como se estivessem para ser atacados.

E logo voltavam os morceguinhos desenhando uma elipse no ar, rente ao alecrim. Celestino agarrava a mão direita, tentando que não tremesse, e esforçava-se por não recolher ao interior da casa. Parecia-lhe que os morcegos se encaminhavam para o seu olho, imaginava-os a arrancarem-lho das órbitas, mas não se apercebiam da sua presença. A proximidade da noite parecia tê-los enlouquecido. Não buscavam acoitar-se no escuro, mas era como se dessem uma última volta no carrossel, antes de se despenharem contra a morte. O capitão sabia que não procuravam a luz da sua candeia, mas o seu coração pulsava como o de um dos pardais assustados que por ali havia. Luzia tinha medo de que lhe pousassem no ombro, cravando os dentes na sua carne. A maresia, subindo a colina vinda da praia, chegava à vila em lufadas húmidas. A sós com o crepúsculo, os braços do capitão e dos meninos faziam-se azuis. Os morcegos juvenis batiam asas como folhas de papel queimado esvoaçando sobre brasas. A escuridão cobria as árvores. As folhas enegreciam e ganhavam alma, à medida que o vento aumentava e a